

Decepção em NY: nem Milliet e (pior) nem dólares.

Os banqueiros credores do Brasil esperavam o pagamento de 133 milhões de dólares e a presença do presidente do Banco Central, Fernando Milliet, ontem, em Nova York. E não receberam nenhum dos dois.

O mais grave, porém, como disse um banqueiro ao **Jornal da Tarde**, foi a falta do dinheiro, pois Fernando Milliet deve desembarcar na manhã de hoje, em Nova York, depois de ter adiado seu voo de sábado para domingo, quando o avião não pôde levantar, em pane.

A ausência do dinheiro tinha o potencial de se transformar no estopim de uma crise, na tarde de ontem. Os 133 milhões de dólares são parte dos 400 milhões de dólares de juros da segunda quinzena de dezembro que ficaram de ser acertados até ontem, 11 de janeiro. Só que para pagá-los, o governo brasileiro dependia do desembolso, por parte dos bancos credores de 267 milhões de dólares.

Foi assim que aconteceu com o primeiro pagamento de juros feito pelo Brasil, no final de dezembro: o governo brasileiro só liberou 357,4 milhões de dólares quando os credores desembolsaram sua parte, 714,8 milhões, num total de 1.072,2 milhões de dólares, cumprindo o acordo interino assinado pela equipe anterior de negociadores, chefiada por Fernão Bracher.

Um banqueiro internacional contou que alguns credores não querem dar sua contribuição aos 267 milhões de dólares porque alegam que o Brasil já deveria ter regularizado os juros de sua dívida a partir de janeiro. Esses juros, de quase 400 milhões de dólares, referentes à dívida de 70 bilhões aos bancos comerciais, só seriam pagos, segundo fontes brasileiras, com uma ajuda dos próprios credores, em torno de 60%, a ser obtida durante as negociações que começariam ontem, se o presidente do



Onde estão os
US\$ 133
milhões que
os credores
aguardavam?
Milliet
chega hoje.

Banco Central, Fernando Milliet, chegasse a Nova York.

O comitê de Bancos Credores reuniu-se na manhã de ontem, sem a presença dos negociadores brasileiros, para examinar a

questão, que também depende da interpretação do texto do acordo interino. O diretor da área de dívida Externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas, só iria sentar-se à mesa das negociações, ontem, por volta de 16 horas, sendo acompanhado por Sérgio Amaral, que está deixando a embaixada do Brasil, em Washington, para passar oficialmente para o Ministério da Fazenda, e mais dois assessores.

Os quatro chegaram para a reunião emcapotados e sorridentes. Brincaram com o único repórter que os esperava, enquanto um câmara de tevê os filmava à distância: "Você não vai ficar aí no frio o tempo todo, não é?" —, perguntou Seixas. Para ele, sua presença ali, naquele momento, tinha o único objetivo de ser "uma visita de cortesia". Como ele disse, "estavam nos esperando, e vamos vê-los. Só que as negociações só poderão começar com a presença de Milliet". Nenhum dos negociadores brasileiros fez algum comentário sobre o problema do pagamento esperado pelos banqueiros.

Dois dos importantes credores do Brasil, pelo que se soube resistiam, na manhã de ontem, a desembolsar a parte que lhes caberia para o acerto da segunda quinzena de dezembro. O cenário lembrava muito o do final de dezembro, quando um banco do governo do Kuwait resolveu retirar-se do pacote, criando um impasse para os outros bancos participantes. O presidente do Comitê dos Bancos Credores teria tentado convencê-los a não abandonar o pacote, o que poderia significar um grande problema para a retomada das negociações para um acordo de médio prazo, neste momento em que o Brasil está anunciando uma nova disposição de voltar a um programa do FMI (Fundo Monetário Internacional).

Moisés Rabinovici, de Nova York